

DIA DA BANDEIRA NO LIONS CLUBE DE SÃO PAULO

Gen A. DE LYRA TAVARES

Constitui para mim uma desvanecedora distinção e um motivo de grande felicidade este novo encontro convosco, sobretudo pelo alto sentido cívico que o inspira e pelo ensejo, que êle me proporciona, de participar, mais uma vez, da vossa grata convivência.

Bem sei, por observação própria, que a Bandeira Nacional, sempre presente às vossas reuniões, é objeto da saudação e do culto habituais do Lions Clube do Ipiranga, cujas atividades têm a benemerência de cultivar este ambiente de comunidade e de fraternidade em que mais profundamente se alicerça e se fortalece o espírito de pátria.

Foi principalmente por isso que não relutei em aceitar o vosso amável convite. E estou, agora, aqui, ao mesmo tempo honrado e agradecido, quando nos reunimos para comemorar, juntos, a data de 19 de novembro, consagrada, especialmente, à Festa da Bandeira.

Essa Bandeira, que é o símbolo da Pátria, abrange, na sua expressão heráldica, as fases tôdas da história do Brasil, ostentando, tal como era visto no dia da Proclamação da República, dentro do globo azul, que lembra a esfera armilar dos tempos do Império, as mesmas cinco estrelas do Cruzeiro do Sul, que as caravelas do descobrimento viram fulgir, sobre o Monte Pascoal, entre a multidão de estrêlas do lindo céu de anil, que, então, embelezava, como embeleza hoje, as decantadas noites da nossa terra.

Suas côres principais vêm do tempo da Independência, da mesma flor amarela e do mesmo ramo verde, que enfeitam os campos do Brasil e que o nosso primeiro Imperador trazia à lapela, ao mandar arrancar da sua Guarda de Honra o laço português, no momento histórico do Grito do Ipiranga, bradado aos brasileiros de todos os quadrantes, daqui desta mesma legendária terra paulista, em que vivemos.

No seu sentido mais profundo, a Bandeira que hoje cultuamos é a imagem viva do Brasil de todos os tempos, na continuidade da sua história, na integração das suas conquistas e no sentido único dos seus destinos de Pátria livre e soberana.

O decreto republicano n. 4, de 19 de novembro de 89, declara textualmente:

“— que as côres da nossa antiga Bandeira recordam as lutas e as vitórias gloriosas do nosso Exército e da Armada, na defesa da Pátria”;

“— que essas côres, independentemente da forma de governo, simbolizam a perpetuidade e a integração da Pátria entre as outras nações.”

É que a Bandeira Nacional, com representação simbólica da Pátria, é a própria imagem do Brasil, pairando acima de tôdas as vicissitudes internas, desde o passado mais longínquo ao presente e ao futuro, na exaltação das tradições e na encarnação dos ideais que lhe dão a majestade de símbolo nacional.

A perpetuidade e a integração da Pátria, através da dinâmica do progresso, das transformações e dos aperfeiçoamentos que se vão processando, ao longo da história, no quadro da vida social e política dos povos, são objetivos mais amplos e duradouros, inalteráveis nas suas bases eternas, nos seus desígnios coletivos, a despeito das transições por que a Nação possa passar, como instituição humana, como organismo vivo, diante das mutações do tempo, no sentido do progresso, dentro da ordem.

O que é permanente, na vida das nacionalidades, são os seus traços eternos, são as suas raízes, que se aprofundam na história, que se revigoram no culto do passado e na formação cívica do cidadão, pela consciência do sentido imutável dos anseios e dos ideais da Pátria.

Cada geração é apenas um elo entre o passado e o futuro, nos compromissos morais, nas atitudes cívicas, no trabalho construtivo e na convergência de esforços, que compõem e tornam inquebrantável a cadeia histórica através da qual se assegura a continuidade da vida dos povos e das pátrias.

Daí, essa espécie de união religiosa com que reverenciamos a Bandeira Nacional, com que a mística da Pátria nos eleva, envolve e inflama o espírito ao vê-la passar, ao som de dobrados marciais, nas paradas militares, como se fôsse a própria nação, na sua história, na sua pujança, na sua marcha gloriosa para o futuro, que desfilasse diante de nós, guardada pelos seus soldados, a receber os aplausos e a saudação do povo, nos grandes dias de festa nacional.

É porque a contemplamos com os olhos do espírito, que abrangem, na sua visão, muito mais do que os contornos e as côres com que a vemos, desfraldada aos ventos, a drapejar, em plano mais alto, por sobre os capacetes dos soldados. Esses olhos penetram, mais fundo, no sentido imaterial e subjetivo das coisas e dos tempos, na sua essência moral, no seu conteúdo efetivo, nos heróis e nos feitos que ela relembra e sugere, na sua expressão mais sublime de símbolo sagrado da Pátria.

É que o espírito vê muito mais do que os olhos. Desperta a compreensão. Ilumina o pensamento. Estimula a imaginação. Atravessa o tempo. Reacende os sentimentos. Faz com que vibre, em nós mesmos, a alma de cidadãos.

Foi assim que eu mesmo a vi, numa bela manhã de março de 1943, nossa Bandeira subir, solene e lentamente, ao som do Hino Nacional, a um mastro improvisado, em plena campanha da África do Norte, numa pequena cidade do Marrocos, onde o V Exército norte-americano tinha o seu Q.G.

Éra uma cerimônia de confraternização das nações aliadas ali representadas. O General Mark Clark dera ordem para que nela figurasse a Bandeira brasileira. O problema era, porém, como, consegui-la, naquelas circunstâncias. A vista do modelo que fornecemos, julgou-se impossível improvisá-la, na exatidão do seu desenho e nas grandes dimensões adequadas, de uma tarde de sábado para a manhã do domingo imediato.

Mas, apesar de tudo, ela apareceu. Ela estava ali, marcando a presença do Brasil, solidário na luta pela liberdade do mundo, naquele remoto recanto da África, altaneira e sublime, como sempre esteve, através de toda a história, na bravura dos nossos heróis do passado, nos lances épicos das lutas que já travamos, e continuamos a travar, em prol da liberdade.

Contaram-me, depois, a razão de ser daquele milagre de improvisação que nos proporcionara esse espetáculo inesquecível: um grupo de enfermeiras francesas, diante da insistência do Gen Clark, prontificara-se a trabalhar a noite toda, para entregá-la pronta, de manhã.

Foi quando sentimos a Pátria mais presente ao nosso espírito, embora tão longe de nós, nesse misto de evocação, de entusiasmo e de orgulho cívico com que nós todos a sentimos, quando a contemplamos na Bandeira Nacional.

Sentimo-la, porque a compreendemos, porque a cultuamos, porque a olhamos com os olhos do espírito, porque conhecemos a sua história, porque reverenciamos os mártires e os heróis que se sacrificaram por ela, os estadistas e os sábios que souberam engrandecê-la, e todos os que a dignificaram e dignificam, pelo trabalho.

Sentimo-la porque nos orgulhamos das nossas riquezas, que a Bandeira representa, dos sentimentos de paz e de fraternidade, que ela inspira, da nobreza dos ideais, que ela encarna, da vocação de liberdade, do espírito de ordem e do ensejo de progresso, em que ela se confunde com a própria alma da nacionalidade.

É por tudo isso, que a Bandeira Nacional recorda e sugere, que ela abrange e sintetiza, que sentimos orgulho ao contemplá-la, nos quartéis, nas escolas, nas repartições, nas tropas em desfile, no mastro dos navios, no bôjo dos aviões, nos fortes das nossas fronteiras, e por toda parte do Brasil, sempre que a nação está em festa e sempre que a nação está de luto.

Nela se encontram e se harmonizam tôdas as classes sociais e se apagam tôdas as divergências e os ressentimentos entre os cidadãos, porque a Pátria a todos envolve e paira acima de todos, como causa superior e como razão suprema, que determina e comanda o comportamento do povo, como coletividade nacional, sempre que estão em jôgo os seus destinos e os seus interêsses.

Diante dêstes, e sobretudo quando se trata de defendê-los, não há divergências nem há vontades individuais ou de grupos que não se rendam e não se harmonizem, pois estão em causa os destinos ou a segurança da Pátria.

A história do Brasil constitui a mais expressiva afirmação do sentimento de patriotismo que o cidadão brasileiro demonstra, cultiva e dignifica, através dos rasgos de estoicismo, de abnegação, de renúncia e de bravura cívica com que êle tem glorificado a Bandeira Nacional.

Ela é a própria Pátria, que está presente. Nenhuma glória maior para o soldado que há de morrer por ela. Nenhuma honra maior para o cidadão do que a de servi-la e dignificá-la.

Eis aí porque esta reunião, que enaltece e exalta o vosso espírito cívico, já é, em sua própria significação, muito mais expressiva do que quaisquer palavras, pela comunhão e pela nobreza dos sentimentos com que a vossa iniciativa aqui nos congrega, nesta noite da mais pura brasilidade.

Por mais diversos que sejam os nossos credos, as nossas atividades, as nossas idéias e as nossas tendências, a Bandeira Nacional é a Bandeira de todos nós, é o símbolo que a todos nos fala, nos une, e nos guia e solidariza, nos mesmos sentimentos e no mesmo entusiasmo.

E que somos todos brasileiros, e ali está, diante de nós, para a nossa homenagem, a Bandeira do Brasil.